

Marcos Faerman, um humanista radical

Isabel Vieira

1

Um ataque cardíaco fulminante levou Marcos Faerman na contramão de uma sexta-feira, 12 de fevereiro de 1999, véspera de Carnaval. Em 5 de abril teria completado 56 anos (nasceu em 1943). Estava acima do peso, fragilizado, envelhecido, cego de um olho, abalado pela morte recente da mãe e da irmã, ambas de câncer de mama, mas trabalhando em vários projetos ao mesmo tempo, como de hábito, com o entusiasmo dos 20 anos. E aproveitando uma fase excepcionalmente tranqüila na sua conturbada vida pessoal.

Dias antes de morrer, havia trazido para a esposa Nina alguns vasinhos de xaxim, uma caixinha de música que tocava *Love Story* e um pano de prato estampado com a frase “Aqui mora a felicidade”. Esse quarto casamento, no final de 1997, com a historiadora Maria Aparecida (Nina) Lomônaco, tinha lhe proporcionado algo que há muito não possuía: uma vida familiar.

Tudo indicava que as turbulências do vendaval Marcão haviam sossegado. Assistia ao seriado de televisão *Chiquinha Gonzaga* com a esposa, na cama, ou lia para ela trechos de Rimbaud ou Nietzsche antes de dormir. Gostava de tomar chá com a sogra, de 90 anos, que vivia no mesmo prédio, na região da Paulista, em São Paulo. E havia recuperado algo precioso: o convívio com os filhos Laura (do primeiro casamento, com Marilza, nascida em 1975) e Julio (nascido em 1980, da segunda mulher, Maria Inês). “Venham jantar em casa”, convidava. “Encontrei uma mulher que faz o bife da minha mãe.”

“O cheiro do bife da mãe me acompanha pela Eternidade...”, Marcão havia escrito num texto que Nina acharia depois em gavetas, com o título de “Nunca mais”, grito lancinante pela seqüência brutal de perdas na família. O primeiro a ir

embora foi o pai, em 1988. Depois o irmão caçula, Marcel, em 1994. Dos quatro filhos de Henrique e Helena Faerman, só ele, Marcos, o mais velho, e o segundo, Mauro, psiquiatra em Porto Alegre, continuavam vivos.

“Cuidei dele como de um bebê”, diz Nina. Ela, paulista da gema, trabalhava no bairro judeu do Bom Retiro. Estava sempre em busca de receitas de pratos de que ele sentia falta, como os vareniques, pasteizinhos de batata que a mãe e a avó faziam. Estabilidade e carinho amenizaram-lhe as dores. Ao cunhado e amigo Vitor Vieira, viúvo da irmã Marilena, por quem nutria uma irmandade de espírito, Marcão confessou que há muito tempo não se sentia tão bem. Até o final manteve o hábito de ligar várias vezes por dia a Vitor, jornalista em Porto Alegre, para falar do Grêmio ou de qualquer outro assunto, importante ou banal.

O último Natal foi festejado à maneira cristã - “um sonho dele”, segundo a esposa – na casa de Luciana, filha de Nina, na pequena cidade onde ela vive, Santa Isabel do Ivaí, no Paraná. Marcos e Nina tinham passado o final de 1998 lá e pretendiam voltar no Carnaval. Na última hora desistiram da viagem, pois Marcão, como sempre, estava atolado de compromissos. Editava com especial desvelo a revista *A Hebraica*, para o público judeu de São Paulo, fazia matérias como repórter especial para as revistas *Educação* e *Ensino Superior*, da Editora Segmento, do amigo Edmilson Cardial, e era responsável pelo jornal-laboratório *Esquinas de SP*, da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, onde lecionava.

Na sexta-feira, 12 de fevereiro, Marcão saiu ao meio-dia para fazer sua última entrevista, com Adriano Diogo, vereador petista. Ao terminar, ligou para a mulher avisando que ia fazer algumas compras. À noite, Laura viria jantar. Quando Nina chegou do trabalho, soube pelo porteiro que o marido havia voltado às quatro da tarde e subido com a chave que ficava na portaria. Estranhou o silêncio no apartamento. Bateu, tocou a campainha, e nada. O telefone tocava e ninguém atendia. Nina foi buscar um chaveiro do bairro para abrir a fechadura. Só conseguiu entrar em casa depois de quarenta minutos de angústia. Encontrou na geladeira tudo que Laura mais gostava de comer e beber. Sobre a mesa da cozinha, um pacote aberto de suco de pêssigo Del Valle, que o marido adorava. Marcão jazia sem vida no espaço entre a cama e a janela do quarto.

“Não sei qual o efeito da paixão no coração, se dilata ou sobrecarrega as coronárias”, diria depois Luis Fernando Veríssimo em sua coluna no *Estadão* ^[1]. Em 1966, então colegas no jornal gaúcho *Zero Hora*, eles planejaram um caderno de cultura em condições precárias, na garagem da casa de Veríssimo em Porto Alegre. “Nunca conheci ninguém apaixonado pelo jornalismo como o Marcão. Lembrei dele em nossa garagem, há 30 anos, emocionado com a descoberta de um texto bem paginado. Emocionado com nada mais extraordinário que um texto bem paginado numa revista poeirenta.”

“Morreu de tanto viver”, resume a última companheira, Nina.

2

Conheci Marcão em setembro de 1977, na velha casa da rua Capote Valente, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, onde funcionava a redação do *Versus*. Naqueles tempos em que a imprensa estava sob censura e as publicações alternativas falavam por nós, a estudante do terceiro ano de jornalismo sentiu-se honrada por ser recebida pelo editor do tablóide que era o meu preferido na faculdade. *Versus*, “um jornal de aventuras, idéias, reportagens e cultura”, como dizia o *slogan*, propunha a cultura como forma de ação política e tratava índios, negros e trabalhadores como os reais protagonistas da história latino-americana. Possuía colaboradores de peso, como o jornalista uruguaio Eduardo Galeano, autor de *As veias abertas da América Latina*, o escritor argentino Julio Cortazar, o mexicano Carlos Fuentes, o poeta cubano Ernesto Cardenal, os brasileiros Érico e Luis Fernando Veríssimo, Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, Rodolfo Konder, Cláudio Willer e outros.

Habitado a trabalhar com profissionais desse quilate, Marcão tinha ao mesmo tempo a rara delicadeza de tratar focas com respeito e entusiasmo. Ficava empolgado com textos bem escritos. Acolhia e arrumava emprego para quem precisasse. Fazia o jovem jornalista se sentir capaz. “Foi padrinho e tutor de uma

^[1] Veríssimo, Luis Fernando, “Paixão diagramada e jornalismo em receita”. *O Estado de S. Paulo*, 28 de fevereiro de 1999. In: *Marcos Faerman: Profissão Repórter*. João Batista Marçal (org.). Porto Alegre: Corag, 1999.

geração que se formou em torno do seu inesquecível tablóide dos anos de imprensa nanica, o *Versus*”, diz Alfredo Sirkis numa bela matéria no Observatório da Imprensa. ^[2] Muitos desses afilhados fariam sólidas carreiras na imprensa. Um deles é Caco Barcellos, conterrâneo do Rio Grande do Sul.

Tive a sorte de chegar na hora certa. Marcão me recebeu em 1977 como se já fosse profissional. Elogiou a matéria que eu trazia (sobre uma comunidade isolada de caiçaras no litoral norte de São Paulo) e a publicou. ^[3] Em seguida, me incumbiu de uma pauta ambiciosa: a vida dos mineiros numa mina de carvão. Mas não qualquer mina. Queria uma mina em que a extração fosse feita por meio de métodos primitivos, “como no *Germinal*, de Émile Zola”, disse, me emprestando o romance que eu não conhecia. Mandou que lesse também um estudo sobre mineiros na Bolívia, *He agotado mi vida en la mina: una historia de vida*, de Juan Rojas e June Nash, numa edição argentina.

Deixei a redação com os volumes debaixo do braço e sem coragem de confessar que eu não tinha a menor idéia de onde havia minas de carvão no Brasil. Envergonhada, fui consultar enciclopédias e mapas. Assim encontrei a Mina do Leão, em Butiá (RS), a 100 quilômetros de Porto Alegre, tema da primeira ^[4] de inúmeras matérias que eu faria sob orientação do Marcão.

E não só no *Versus*. Porque pelas mãos dele cheguei à revista *Quatro Rodas*, meu primeiro emprego como repórter. Fomos amigos próximos durante quinze anos, até o início de 1993. Convivemos no *Jornal da Tarde* e em revistas que ele criou e/ou editou, como *Singular & Plural* (1978-79) e *Ícaro Ponte Aérea* (1984-85), nas quais eu colaborava. E em “lições práticas” de reportagem. Apesar dos frilas brilhantes que costumava fazer para *Quatro Rodas*, Marcão nunca soube dirigir um automóvel. Sempre que podia, eu lhe dava carona e o acompanhava na apuração de suas matérias. Com ele aprendi mais sobre jornalismo e literatura do que em qualquer livro ou faculdade.

3

^[2] Sirkis, Alfredo. “Marcos Faerman, obsessão repórter”, www.observatoriodaimprensa.com.br, 5/3/99.

^[3] Vieira Rodriguez, Isabel. “Memória de Búzios”. São Paulo: *Versus* 16, novembro de 1977.

^[4] Vieira Rodriguez, Isabel. “O Povo das Minas”. São Paulo: *Versus* 19, março/abril de 1978.

“Sou repórter, judeu, gaúcho, gremista e marxista.” Assim Marcão costumava definir-se – em geral nesta ordem. Via-se como um ser de múltiplas facetas, com identidades fortemente coletivas, e viveu cada uma com paixão.

Todas as cinco identidades tiveram origem na pequena Rio Pardo, no interior do Rio Grande do Sul, onde ele veio ao mundo em 5 de abril de 1943. Os pais, Henrique e Helena Faerman, judeus de origem russa, eram comerciantes que tiravam o sustento da família de uma lojinha de aviamentos em cima da qual viviam com os quatro filhos. O incêndio que destruiu a loja e a casa é uma recordação marcante da infância de Marcos, um guri de cabelos encaracolados e olhos azuis, que gostava de ler gibis e tinha medo do escuro. À noite, escondido de todos, rezava pedindo perdão a Deus por ser judeu.

Em outro texto inédito encontrado por Nina, “Eu menino”, ele relembra comentários dos garotos católicos da escola e diz: “E aí aprendi que era Judeu, que matei Cristo Nosso Senhor, filho de Deus. Eu, um menino judeu em Rio Pardo. E fui correndo para casa, chorei como depois correria de novo, chorando na calçada da rua João Pessoa, vendo nossa casa, a loja de meu pai queimar. Meu pai sentado na frente da nossa casa, tudo queimando, e as pessoas vendo o judeu chora, o judeu que bem podia ter posto fogo na loja só para ganhar o seguro – estes estrangeiros são capazes de tudo, não é?”.

A Rio Pardo que emerge das lembranças de Marcão é uma cidade triste, com ruas de pedras, casas com porões, porões habitados por ratos, um rio de águas escuras, as ruínas do Forte Jesus-Maria-José, ecos de antigas bravuras e batalhas. Ele na matinê de domingo, “arrumadinho pela mãe na primeira fila do cinema”, e figuras queridas como *Seu Biaggio*, o bibliotecário do museu, e a cozinheira Odósia, “que contava histórias de fantasma e talvez seja a principal cúmplice da minha paixão por Allan Poe”.^[5]

“Onde nasce o fascínio pela leitura?”, pergunta-se. “Posso pensar, por exemplo, na paixão de meu pai pelos livros. Na biblioteca de meu pai, em Rio

^[5] Faerman, Marcos. “Leituras”. Revista *Shalon*. São Paulo: jul.1980, p.34.

Pardo, os livros eram misteriosos. Quando ele me dizia: menino, a capa de uma aventura de Tarzan!...” [6]

Seu Henrique Faerman gostava de ler histórias em voz alta para os filhos, à luz inspiradora e fantasmagórica do lampião, e de levar Marcos e Mauro para comprar maçãs argentinas nos trens que passavam pela estação a caminho da cidade gaúcha de Santa Maria. “Maçãs vermelhas e redondas, como só eram assim as maçãs dos reis, mas nós não parávamos de chorar, o irmão e eu, até o pai voltar. Morríamos de medo do trem ir embora com o pai; para sempre?” [7]

Em casa, ouviam a Rádio Belgrano de Buenos Aires e torciam pelo Grêmio, o time de futebol do coração do pai. Nunca esqueceriam a primeira vez em que o acompanharam ao estádio em Porto Alegre para assistir a um jogo do tricolor gaúcho na arquibancada. O guri Marcos amava jogar bola, ler revista, ver filme de pirata, caçar gafanhoto e imitar Nelson Gonçalves. Queria ser cantor e até cantou na rádio local. No final dos anos 1950, Rio Pardo tornou-se pequena para ele. Mudou para Porto Alegre e mergulhou na efervescência da política estudantil. Logo seria líder do grêmio do Colégio Júlio de Castilhos, o Julinho, tradicional escola pública da cidade.

Amigos dessa época, como João Batista Marçal e Júlio Mariani, recordam o adolescente Marcos como um agitador inflamado, vestido com um capote cinza, enfrentando direitistas em congressos estudantis. “Um guri explodindo em rebeldias, que se joga de cabeça em todas as lutas de seu tempo.” [8] Foi assim que conseguiu o primeiro emprego.

Numa tarde de 1960, Marcão foi entregar um manifesto do grêmio ao jornal *Última Hora* (que depois se transformaria em *Zero Hora*). O chefe de reportagem, Flávio Tavares, achou o texto bom demais para ser ter sido escrito por estudantes e perguntou quem era o autor. Ao saber que estava diante dele, não perdeu tempo: “Quer trabalhar como repórter da geral?”, convidou. “Pode ocupar aquela máquina de escrever lá no fundo e começar agora mesmo.”

[6] Faerman, Marcos. Op. cit., p.34.

[7] Faerman, Marcos. “Os meninos de Rio Pardo”. Revista *Paralelo*, Porto Alegre, dezembro de 1976. In *Marcos Faerman: Profissão Repórter*. João Batista Marçal (organizador). Porto Alegre: Corag, 1999.

[8] Marçal, João Batista. “Fatias Vitais desse inquieto caminhante”. In *Marcos Faerman: Profissão Repórter*. João Batista Marçal (organizador). Porto Alegre: Corag, 1999.

Aos 17 anos, sem cédula de identidade nem carteira profissional, Marcão teve de apresentar uma autorização do pai para ser contratado.

Os anos pré-1964 eram de esperanças e utopias. O jovem repórter e sua turma são seduzidos pelos ideais do PCB (Partido Comunista Brasileiro), o Partidão, e vivem o sonho revolucionário comunista. No Julinho e na Faculdade de Direito da UFRGS, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que ele deixaria sem concluir, Marcão ganha fama de contestador, participante ativo das aulas de filosofia e história e uma pedra no caminho de professores burocratas. Os meninos comunistas sonham em ter armas para fazer a revolução. “A arma do Marcão era a palavra, que jorrava aos borbotões, nas esquinas, nos colégios, nas assembléias, nos bondes. Sempre com os jornais sob o sovaco, repetia a frase da Passionária: ‘Não passarão’”, lembra Luiz Pilla Vares.^[9]

Com um curto intervalo em 1963, em que tenta ganhar dinheiro rápido vendendo enciclopédias – foi dissuadido pelo futuro editor de *O Pasquim*, Tarso de Castro -, Marcão sabe que o jornalismo é para ele o meio mais eficiente de subverter a ordem. E volta para *Zero Hora*, famosa escola de jornalistas na época. Júlio Mariani o recorda como “um vendaval permanente a atravessar a redação em todos os sentidos e direções, usina de idéias a expelir, sem cessar, novas propostas de trabalho, reportagens sensacionais que precisavam ser feitas com urgência, esquemas gráficos revolucionários, que botavam tontos os diagramadores, editores e até o dono do jornal”.^[10]

Depois do golpe de 1964, muitos militantes do PCB rompem com o partido e agrupam-se em diferentes tendências de esquerda. Marcão e seus amigos vão para o POC, Partido Operário Comunista, de orientação leninista, responsável pela vinda dele para São Paulo em 1968. O partido necessitava de um quadro gaúcho na executiva nacional. Marcão é destacado para a tarefa. Além disso, acenam-lhe com a possibilidade de integrar a equipe do *Jornal da Tarde*, onde companheiros do POC tinham trânsito. O vespertino do Estadão era o jornal mais

^[9] Pilla Vares, Luiz. “Com sangue pintou Gauguin”. In *Marcos Faerman: Profissão Repórter*. João Batista Marçal (organizador). Porto Alegre: Corag, 1999.

^[10] Marçal, João Batista. “Fatias Vitais desse inquieto caminhante”. Op. cit., p.92.

inovador do país, um cobiçado campo de atuação para repórteres criativos e ousados. Marcão aceita a proposta.

A namorada, Marilza Taffarel, estudante de Medicina em Porto Alegre e também militante do POC, decide interromper o segundo ano da faculdade para acompanhá-lo na viagem. Tinham-se conhecido em reuniões políticas em 1967 e se apaixonado. Em São Paulo, casariam e nasceria a filha do casal, Laura.

A mudança para a capital paulista marca uma nova etapa na vida de Marcos Faerman. É o início de sua trajetória iluminada no *Jornal da Tarde*, onde desenvolveria um estilo único, recriando a grande reportagem em textos nos quais combinava técnicas literárias e humanização de personagens; e da edição de publicações de vanguarda que fariam história no jornalismo brasileiro, como *Ex-Bondinho* e *Versus*. “Sem saber, começávamos a perder um militante, mas o jornalismo ganhava um de seus melhores repórteres”, diz Luiz Pilla Vares.^[11]

Luis Fernando Veríssimo tem outra versão para a saída do colega de Porto Alegre. Segundo conta, Marcão foi posto em ostracismo no *Zero Hora* e acabou responsável pela página feminina patrocinada pela Margarina Primor. Uma de suas obrigações era editar receitas de cozinha, trocando “manteiga” por “margarina” sempre que a palavra aparecesse. Veríssimo acredita que Marcão forçou sua própria demissão, deixando de fazer a troca e provocando queixas sucessivas do patrocinador ao departamento comercial do jornal. Conclusão de Veríssimo: “A Margarina Primor foi responsável pela ida do Marcão para São Paulo. O jornalismo brasileiro deve muito à Margarina Primor”.^[12]

4

Nos 24 anos em que foi repórter especial do *Jornal da Tarde*, de abril de 1968 a setembro de 1992, Marcão assinou 806 matérias, boa parte no *Caderno de Leituras* publicado aos sábados, com textos de fôlego elaborados a partir de pesquisas apuradas. Fez reportagens especiais e do cotidiano de todo tipo e em

^[11] Pilla Vares, Luiz. Op. cit, p.32.

^[12] Veríssimo, Luis Fernando. Op. cit., p.27.

todas as áreas, de polícia a política, de saúde a educação, de cultura a futebol. Viajou pelo Brasil e países vizinhos da América do Sul como enviado especial, escreveu matérias longas e curtas, cobriu assuntos relevantes e banais.

Viveu no *JT* o epicentro do *New Journalism* no Brasil. Criado em 1966, no mesmo ano da revista *Realidade*, esse jornal praticava a cultura do bom texto e assimilava as inovações do Jornalismo Literário: o jeito de fazer perfis de Gay Talese, a Literatura da Realidade de Truman Capote, as coberturas humanizadas de John Reed, o texto enxuto de Hemingway. Revolucionário também no visual, o *JT* tinha uma paginação ousada, com fotos estouradas nas páginas, soluções gráficas inusitadas, casamento entre ilustrações e textos. A equipe era jovem e talentosa, formada por nomes como Valdir Sanches, Fernando Portella, Percival de Souza, Moisés Rabinovich, Fernando Mitre, Elói Gertel etc.

Marcão mergulhou de cabeça na proposta. Fez matérias extraordinárias, como “O caso Bensadon”^[13], em que investigou o desaparecimento de uma modesta mãe de família de Itaquera e descobriu que tinha sido assassinada por vizinhos ligados às forças de segurança da ditadura militar. Motivo: briga entre os filhos por um carrinho de rolimã. A matéria resultou na prisão dos culpados.

O trabalho no *JT* deu a Marcão o Prêmio Unicef, em 1986, por uma série sobre delinqüência juvenil, e dois prêmios Esso: um em 1974, por “Nasceu o primeiro brasileiro pelo método Leboyer” (categoria informação científica), e outro em 1975, por “Os habitantes da arquibancada” (menção honrosa na categoria informação esportiva), enfocando torcedores nos estádios de futebol. Sobre Leboyer, o médico francês que, nos anos 1970, pregou a idéia de “nascer sorrindo” – o parto humanizado, com procedimentos como música e luz suaves, entre outros, para receber o bebê sem pressa nem tapas nas costas -, Marcão declarou na época: “Gosto de escrever histórias a respeito de homens como Leboyer, que acreditam que o mundo pode ser melhor do que é”.

Mas o *JT* era apenas um “emprego básico”. Paralelamente, sua carreira contabiliza a participação e/ou a criação de inúmeros projetos de vanguarda.

^[13] Faerman, Marcos. “O caso Bensadon”. In *Violência e Repressão*. Faerman, Marcos. Portela, Fernando. Souza, Percival de. São Paulo: Símbolo, 1978.

Recém-chegado a São Paulo, alinhou-se com a patota de *O Pasquim* (Tarso de Castro, Jaguar, Paulo Francis, Millôr, Ziraldo) e trabalhou na sucursal paulista do irreverente jornal carioca. Em 1972, fez parte da equipe da revista *Bondinho*, com jornalistas vindos da *Realidade*, como Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Woile Guimarães e Hamiltinho de Almeida Filho. Segundo Marcão, *Bondinho* era “uma revista viajante, psicodélica, o equivalente na imprensa ao tropicalismo, ao *underground*, ao teatro do Zé Celso Martinez. De apreensão em apreensão, morreu em poucas edições”.^[14]

O nanico seguinte foi *Ex-*, em 1973, que Marcão dirigiu por um período. Combinava a loucura tropicalista de *Bondinho* com provocação política. A edição de estréia trazia na capa uma foto-montagem de Hitler tomando sol como um nudista. O número 3 mostrava o presidente americano Richard Nixon, envolvido no escândalo Watergate, com roupas de presidiário. *Ex-* foi fechado ao publicar um dossiê sobre o assassinato do jornalista Wladimir Herzog nos porões da Oban, a Operação Bandeirantes, em São Paulo. A edição de 50 mil exemplares esgotou e foram rodados mais 30 mil, que acabaram apreendidos.

Marcão deixou o *Ex-* para fazer *Versus*. O primeiro número saiu em novembro de 1975. No início vendido de mão em mão, chegou a ter distribuição nacional e tiragens de 35 mil exemplares. Era bimestral, passou a mensal e voltou a ser bimestral. Circulou sob a direção de Marcão até o número 24, em setembro de 1978. Após sua saída, saíria até o número 34, em outubro de 1979.

Para o jornalista Luís Carlos Eblak de Araújo, *Versus* fez basicamente dois tipos de ruptura: a primeira, com o estilo de texto curto e objetivo da grande imprensa, que começava a se consolidar e se intensificaria nas redações na década de 1980. A outra ruptura foi temática. “Seu fio condutor, que predomina da capa à última página, é a América Latina, tema pouco tratado pela imprensa na época. O que vai amarrar a estrutura do jornal com suas reportagens será um fato

^[14] Faerman, Marcos. “Imprensa alternativa: nanica, pero no mucho”. In *Marcos Faerman: Profissão Repórter*. João Batista Marçal (organizador). Porto Alegre: Corag, 1999.

comum no ‘continente’: vários países da América Latina - Chile, Paraguai, Uruguai e, em 1976, também a Argentina -, vivem regimes militares.”^[15]

Eblak de Araújo lembra ainda que *Versus* se propunha dar à cultura um *status* que ela não possuía na imprensa brasileira. “Faerman não aceitava que o jornal fosse caracterizado de ‘cultural’ ou ‘literário’. Para ele, esses termos eram pejorativos. Segundo dizia, *Versus* tinha simplesmente de expor a cultura de uma região geográfica (América Latina), a cultura dos artistas, dos escritores e dos intelectuais latino-americanos.”^[16] Num editorial de aniversário de *Versus*, edição 6, outubro-novembro de 1976, Marcão o define como “um jornal sem vergonha de assumir a reflexão e a cultura, num momento em que na grande imprensa, letras, artes e pensamento são relegados à condição de ‘variedades’”.

No número 12, *Versus* acrescenta o selo “Afro-Latino-América”. Nas edições seguintes, temas da política brasileira começam a ocupar o primeiro plano e o jornal vai perdendo sua identidade original. Na redação, militantes da Convergência Socialista – corrente de esquerda que se consolidou em 1978 - defendem uma adesão clara a essa tendência, que acabaria tomando conta de *Versus*. O número 24 publica a carta de despedida do editor Marcos Faerman (assinada também por alguns colaboradores, entre eles a que aqui escreve). O tablóide viverá por mais um ano, descaracterizado, dirigido por Jorge Pinheiro.

“Marcão perdeu *Versus* para a Convergência, o que marcou o começo do fim de sua militância”, escreve Luiz Pilla Vares. “*Versus* foi o canto do cisne do Marcão político”, crê o amigo, com uma certeza: “Marcão não era um político, movia-se mal nos aparelhos, só se sentia plenamente à vontade diante de uma máquina de escrever ou de seus livros e revistas invariavelmente amassados e sujos. Fim da política, mas não de seu radicalismo, que sobreviveu sempre na ousadia de seus textos subversivos”.^[17]

^[15] Araújo, Luis Carlos Eblak. *O Versus e a imprensa alternativa: em busca da identidade latino-americana (1975-1979)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientadora Profa. Doutora Maria Aparecida Aquino. São Paulo, 2002, p.50.

^[16] Araújo, Luis Carlos Eblak. Op. cit., p.50.

^[17] Pilla Vares, Luiz. Op. cit, p.32.

Lembro de uma manhã, nesses dias, em que fomos à sua casa, o editor Hélio Goldenstein e eu, para dar-lhe um abraço solidário. Separado de Marilza, Marcão havia mudado para um apartamento na rua Oscar Freire, em Pinheiros, a poucas quadras da redação do *Versus*, onde a pequena Laura, uma fadinha loira, com os cabelos longos e cacheados, costumava muitas vezes visitar o pai.

Esperávamos encontrar o guerreiro abatido com a derrota no *Versus*. Marcão nos recebeu com olheiras, a barba por fazer, as roupas desleixadas, e nos levou ao escritório num dos quartos. Na vitrola – sim, o tempo era esse – estava tocando a mais recente composição de Caetano, “Sampa”. Mas os olhos azuis do Marcão brilhavam. Não era tristeza. Empolgado, ele nos contou sobre seu novo projeto, a revista *Singular & Plural*. Já tinha um local onde instalar a futura redação e a garantia do patrocínio da editora Global durante seis meses. Quem quisesse, que o acompanhasse. Ele ia começar tudo outra vez...

5

Em 16 de janeiro de 1980, no bar *Persona*, no bairro do Bixiga, em São Paulo, os amigos foram cumprimentar Marcão pelo lançamento de *Com as mãos sujas de sangue*, antologia das melhores reportagens publicadas no *JT* e no *Versus* até aquela data. Marcão estava feliz com o nascimento do filho Julio, de seu segundo casamento, com a mineira Maria Inês, e já havia assimilado o fato de *Singular & Plural* ter durado apenas os seis números garantidos pela Global. A revista, cuja primeira capa mostrava o renascimento do teatro nos palcos brasileiros – fruto dos ventos que sopravam com a abertura política -, não conseguiu anunciantes para ir adiante.

A Editora Global também editou o livro, o único que Marcão publicou em vida reunindo suas reportagens. (Dois anos antes havia participado da coletânea *Violência e Repressão*, com os colegas Fernando Portela e Percival de Souza). Foi esta amiga quem datilografou em laudas de imprensa – sim, na máquina de escrever, era esse o tempo – as matérias que ele escolheu como as mais significativas que havia feito. Muitas vezes, nos anos seguintes, me ofereci para

auxiliá-lo a organizar outros volumes. Mas Marcão, de natureza dispersiva e agenda caótica, sempre adiava a tarefa de selecionar as matérias.

Em entrevista ao *JT* de 16/01/1980, ele fala sobre sua obra:

“*Com as mãos sujas de sangue* é um livro com 14 histórias brasileiras. Eu poderia chamar estas reportagens de *Os Miseráveis*, se um certo Victor Hugo não tivesse um livro com esse título... São histórias de um Brasil silencioso e silenciado, que me fascina por sua pungente humanidade – e que há quase vinte anos percorro como repórter. Percorro o Brasil urbano e o Brasil rural, esses dois mundos, pelo *Jornal da Tarde*, onde tive um espaço aberto para escrever com a razão e o coração. Descobri as ruas sórdidas de São Paulo, onde as prostitutas se suicidam; percorri as delegacias; vi os corpos de bandidos e policiais atirados na porta de bancos; estive com posseiros expulsos de suas terras no litoral, em Trindade; vivi com os agoniados nordestinos, no sertão, em plena seca; e vi como um homem pode vender a última coisa que tem, seja uma bicicleta ou um disco de Agnaldo Timóteo; descobri que tribos de índios andam em busca da Terra sem Males e que jamais a encontrarão.

“Por isso, de certa maneira, meu livro é uma proposta de viagem por aqueles lugares que os turistas nunca visitam. Quem iria a Alagados? Quem se interessa por aqueles homens que vivem em palafitas? O repórter chega até eles - e descobre não só a miséria palpável, mas algo que se pode chamar de a arte ou o milagre de sobreviver nas mais duras condições. Sobre-viver. Viver apesar da vida. É isto que me comove nos ‘personagens’ do meu livro.”

Depois houve outras revistas. Muitas. *Shalom*. *Crisis* (só um número, em 1989). Uma revista para caminhoneiros cujo nome não recordo. *Ícaro Ponte Aérea*, para ser lida nos aviões da Varig que voavam entre São Paulo e Rio, e que nas mãos do Marcão se transformou numa publicação antenada e original, como tudo que ele fazia. Antecipava tendências. Tinha idéias malucas também. “Vamos colocar uma adolescente de 13 anos escrevendo sobre rebeldias juvenis?” (Isso foi na *Ícaro*). O navegador Amyr Klink, na volta da primeira travessia do Atlântico Sul num barco a remo, foi capa da *Ícaro* (Marcão achava-o o máximo). Em outra capa, uma chamada sobre automedicação: “O país dos 130 milhões de médicos”

(era a população do Brasil). Título em *Singular & Plural*: “Cuidemos do corpo, que a alma está perdida”. Pautava matérias sobre saúde preventiva e exercícios físicos quando ninguém ainda falava nisso; e sobre terceira idade duas décadas antes de isto ser assunto na mídia.

Marcão não vivia só a política, estava ligado em tudo o que acontecia no mundo. Era um editor cuidadoso, respeitador do texto alheio – aquele com que todo repórter sonha para editar suas matérias. Podia sugerir como melhorá-las, mas jamais o ouvi fazer uma crítica que não fosse construtiva.

Alfredo Sirkis diz que Marcão foi uma das figuras humanas mais decentes e dignas que ele conheceu. Alguém generoso, “despojado do veneno da inveja, que gostava de auxiliar nos projetos literários dos colegas. Sua maior diferença com certa cultura de redação que se firmou ao longo dos anos era o espírito de colaboração, o gosto pelo bom trabalho dos outros”, escreve o jornalista.^[18]

Certa vez, eu conversava com um editor do *JT* sobre os novos rumos que o jornalismo vinha tomando e ele lamentou que eu tivesse chegado àquela redação “dez anos atrasada” (em 1982). Quando repeti para Marcão o que ouvi, ele ficou indignado com o colega. “Não é coisa que se diga! Tu não vê o quanto a frase é destrutiva, guria?”, explodiu, com o sotaque gaúcho que nunca perdeu. Para ele, o jornalismo podia mudar o quanto fosse, mas sempre haveria espaço para as gerações que estavam chegando.

Em depoimento a alunos da Universidade Santa Cecília (Unisantia), de Santos (SP), o jornalista Rivaldo Chinem conta que, certa vez, Marcão lhe disse que fora elogiado “por um figurão, não sei se Alberto Dines ou outro, como editor e não como repórter, o que para ele era a glória, e isso pelo trabalho na *Ícaro*”.

Como repórter ou como editor, a carreira do Marcão foi sempre norteadas pelo que J. Luiz Marques chama de “uma reserva ética de rebeldia” – na visão desse colega gaúcho, Marcos Faerman era “um rebelde contra”, “militante do humanismo socialista”, que “honrava as melhores tradições do jornalismo”.^[19]

Mais adiante na entrevista ao *JT*, Marcão conclui a apresentação do livro:

^[18] Sirkis, Alfredo. Op. cit.

^[19] J. Luiz Marques, “O rebelde contra”. In *Marcos Faerman: Profissão Repórter*. João Batista Marçal (organizador). Porto Alegre: Corag, 1999

“Meu coração se abre para os oprimidos. Meu livro é um testemunho do Brasil dos nossos tempos e de todos os tempos. Acredito na palavra e não posso ligar meu destino a nenhum sistema em que os homens e as palavras sejam escravizados pelo ditador de plantão. (.....) O jornalismo humanista humaniza quem o escreve e quem o lê”.

6

Não era à toa que Marcão admirava Amyr Klink. O espírito de aventura é, dizia ele, o alimento da alma do repórter. Quando falava “repórter” referia-se ao que chamamos, seguramente, de jornalista-literário ou jornalista-narrativo, mas que ele definia como “um ser em disponibilidade”, aquele que sai em busca de histórias “do outro” e consegue colocar-se na pele dele, ouvi-lo e emprestar-lhe sua própria voz. Aquele que “ouve com o coração” e “conta a história que precisa ser contada”.

Marcão atribuía vocação documental e literária à reportagem. Via-a como uma forma de conhecimento e um método de investigação da realidade. “Um método que difere da historiografia, da sociologia e da antropologia, e tem como centro a arte de investigar os fatos e saber descrevê-los. Isso se faz com melhor ou pior qualidade, dependendo da formação cultural de quem escreve.”^[20]

Pregou incansavelmente a busca dessa qualidade. Repetia, invocando Roland Barthes, que a reportagem deve operar com o fascínio que só é gerado pelo “prazer do texto”. Leitor voraz, Marcão se considerava um “rato de sebos e bibliotecas”. Comprava livros e revistas em espanhol, francês, inglês e italiano – idiomas que aprendeu lendo. Não admitia um jornalista que não tivesse devorado uma lista básica de uns quarenta títulos, a começar dos clássicos de literatura juvenil, passando por Dostoiévski, Camus e John Reed, até autores do *New Journalism*, como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese.

^[20] Faerman, Marcos, “A grande aventura da reportagem”. In *Repórteres*. Dantas, Audálio (org.). São Paulo: Editora Senac, 1998, p.162.

Era fascinado por aventureiros de todas as épocas, tanto autores como personagens. Amava Melville e a baleia Moby Dick. O garoto Jim Hawkins, de *A Ilha do Tesouro*, de Stevenson, escondido num barril de maçãs no convés do navio pirata. Daniel Defoe e o seu *Robinson Crusóé*. O jovem Jack London pendurado num vagão de trem, correndo atrás de histórias. E Sherlock Holmes, Júlio Verne, James Bond, Ernest Hemingway, correspondentes de guerra e...

E, séculos antes deles, Heródoto, que ele dizia ser o pai da reportagem e não da História. Esse grego nascido em 484 a.C., que “se dedicou a percorrer, sem preguiça ou tédio, os limites do mundo da época”, era para Marcão o exemplo ideal do repórter. Viajando pela Babilônia, Assíria, Pérsia, Egito, África, navegando pelo Mar Negro e pelo rio Nilo, Heródoto teria explorado seu tempo, na interpretação dele, como o enviado especial de uma publicação faz agora.

Outro de seus ídolos era o jornalista francês Albert Londres, que “tinha de seu apenas um quarto, uma filha chamada Florence e uma mala sempre pronta para viajar”. Nos anos 1920, escrevia histórias reais em série, como folhetins. “Dramas que traziam para as páginas dos jornais a vida num presídio de Caiena, o tráfico de prostitutas de Marselha a Buenos Aires, as proezas dos pescadores de pérola em Java ou a fuga de judeus da Europa para a Palestina.”^[21]

Londres morreu como viveu: o navio em que viajava para o Oriente, na década de 1930, foi a pique após um incêndio a bordo. Marcão gostava de uma passagem atribuída ao lendário repórter. Certa vez, ele teria ouvido do diretor de um jornal no qual iria trabalhar: “A linha do nosso jornal é...”. Indignado, recolheu o chapéu e a bengala e foi embora, dizendo: “Quem tem linha é trem”.

Marcão também detestava trilhos. Trabalhar numa reportagem era um exercício de liberdade. Vivia cada matéria como uma viagem extraordinária, uma aventura que começava com a pauta (várias ao mesmo tempo) e era saboreada em cada etapa: leituras, muitas; entendimento do tema, busca de personagens. Envolvia-se sinceramente com as histórias que ouvia e aprendia sobre todos os assuntos nesse processo. Não sossegava enquanto não tivesse clareza sobre o

^[21] Faerman, Marcos. “A grande aventura da reportagem”. Op.cit., p.152.

“abre” da matéria. Pensava em voz alta sobre o tema. Todo mundo sabia no que estava trabalhando, pois falava no assunto sem parar, sempre empolgado.

Nos bons tempos do *JT*, repórteres especiais podiam ficar semanas com a mesma matéria, mas sua prática em campo era igual se tivesse de entregar o texto no dia. Beatriz Marques Dias, foca no *Estadão* no final dos anos 1980, foi certa vez cobrir um incêndio numa favela. Era costume que cada jornal do Grupo Estado enviasse uma equipe própria. “Pelo *Estadão* éramos vários repórteres, pelo *JT* só o Marcão”, conta Bia. “Sozinho, ele nos deu um banho. Descobriu histórias incríveis. Não sei como nem onde. Eu estava lá e não vi o que ele viu.”

Na hora de escrever, Marcão era rápido. Passava por uma espécie de surto, muitas vezes de madrugada, pois sofria de insônia. “Ele tinha um poder de concentração instantâneo: sentava a bunda na cadeira, atacava furiosamente as teclas e só parava com o texto prontinho e, pasmem, sem necessidade de muita mexida ou revisão. Esse virtuosismo noturno sempre encheu de admiração escritores espasmódicos e matinais como eu”, lembra Sirkis.^[22]

Mas às vezes as idéias não fluíam. Marcão chegava da rua e ficava horas agoniado diante da máquina de escrever. “Escrevia três ou quatro linhas, não gostava, rasgava o papel e começava tudo de novo. Dava um tapa na cabeça e reclamava: ‘Estou bloqueado!’ O bloqueio poderia durar minutos, horas ou dias, mas, uma vez superado, surgia a euforia do repórter, um crítico rigoroso de seu próprio trabalho”, lembra o colega Luiz Carlos Ramos.^[23]

Uma das últimas matérias em que Marcão trabalhou foi sobre “Água”, para a revista *Educação*. Juliana Monachesi, aluna da Faculdade Cásper Líbero na época, relata que, dias antes do infarto que o matou, Marcão havia ligado ao editor para dizer, eufórico: “Já tenho o lide! Vou descrever um cenário futurista em que as pessoas se digladiam pelo produto mais valioso da Terra: a água”.

Entre os pertences que o jornalista João Marcos Rainho recolheria mais tarde da cabeceira do amigo morto estavam uns óculos quebrados, muitos papéis e uma quantidade de livros com anotações feitas a caneta, como era hábito de

^[22] Sirkis, Alfredo. Op. cit.

^[23] Ramos, Luiz Carlos. “Marcos Faerman, a morte de quem dava vida ao texto”. In *Jornal Unidade* (do Sindicato dos Jornalistas do Estado de S. Paulo), mar.1999, p.10.

Marcão. Entre eles, o volume *Morte social dos rios*, de Mauro Leonel, recém-chegado pelo correio, certamente para auxiliar na matéria.

7

E Marcão tinha também, infelizmente, aquele lado escuro, sombrio, que “acabou abreviando o tempo dele”, diz Vitor Vieira, numa tristeza tão funda que, oito anos depois, ainda não pôde abrir os originais do livro sobre *skinheads* em que Marcão vinha trabalhando e que o sobrinho Julio Faerman lhe enviou.

Quando, exatamente, começou? A família e os amigos são unânimes em situar o envolvimento de Marcos com as drogas no contexto dos anos 1970, em que substâncias alucinógenas significavam novas experiências, criação, loucura. Muitas das melhores cabeças usavam drogas naqueles anos. Já nos tempos da redação de *O Pasquim*, Marcão havia se irmanado a Hamiltinho de Almeida Filho, que morreria em 1993 em decorrência do uso de seringas contaminadas.

“Marcão não se iniciou nas drogas por ingenuidade”, revela a psiquiatra Marilza Taffarel, ex-mulher de Marcão, a alunos de jornalismo da Unisanta. “A busca pela quebra do cotidiano fez parte do processo criativo da época. As figuras ideais dele, como o escritor americano Ernest Hemingway, eram do tipo que, ao se deparar com a angústia da criação, se autodestruíam. Mas drogas e álcool são traiçoeiros, viciam. Ele foi se arriscar. E ele arriscava muito.”^[24]

Na época da separação tumultuada da segunda mulher, Maria Inês, por volta de 1985, o cunhado Vitor Vieira era chamado freqüentemente para mediar conflitos entre o casal. Ele e Marilena ainda viviam em São Paulo, com as filhas Lisa e Lívia. A casa onde Marcão morava com a família, no bairro do Sumaré – e na qual permaneceria por muitos anos depois que Maria Inês e Julio mudaram para Uberlândia (MG) – era cenário das loucuras mencionadas por Alfredo Sirkis. “Eram tempos boêmios, de esbórnia. Marcão pegava pesado na busca frenética

^[24] Oliva, Alexandre Teixeira; Menezes dos Anjos, Aline. “Marcos Faerman: o último dos bitiniques”. Relatório de Pesquisa. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade Santa Cecília, Unisanta, Santos, 2003, para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Orientador Prof. Dr. Adeldo Gonçalves. (mimeo).

de experiências, vivências, prazer e angústia. A casa do Sumaré passou a ser minha guarida em Sampa City. Ali rolava de tudo.^[25]

Vitor Vieira também acredita que “a descida do Marcão no fosso das drogas foi sintomática e emblemática de uma época. Fazia parte da concepção de vida dele. Achava-se forte, poderoso. Era de uma onipotência fantástica. Não aceitava tratamento. Dizia que tinha controle sobre tudo”.

Ouvi isso muitas vezes do próprio Marcão: “Na hora em que eu quiser, eu paro”. Embora eu só tivesse pinceladas dessa outra vida dele “fora” do jornalismo. “Tu é meu lado saudável”, ele dizia. Mas, de vez em quando, deixava escapar uma história sobre traficantes que o perseguiram ou ligava deprimido, com ressaca da vida. Tinha depressões homéricas nos anos 1980. Alternava estados de euforia com prostração. Nesses momentos de baixa, queixava-se de que seu trabalho não era reconhecido. “Por que a Editora Abril não me convida para dirigir uma de suas revistas?”, lamentava-se. Achava-se injustiçado. Sentia-se um marginal tanto no ambiente jornalístico como no meio acadêmico. “Os outros jornalistas me vêem como intelectual, e os intelectuais me vêem como jornalista”, dizia.

Acredito que a queda tenha acontecido aos poucos, degrau por degrau. No final da década de 1980 e início da de 1990, sucederam-se acontecimentos infaustos em sua vida. Numa manhã de 1988, seu Henrique Faerman pegou o loteamento para ir trabalhar em Porto Alegre, como de hábito, e foi fulminado por um infarto na calçada do escritório. Poucos anos depois foi o caçula Marcel, “que fazia poesias e jogava uma bola finíssima”, segundo Vitor, e fora diagnosticado com esquizofrenia aos 16 anos. Numa véspera de Natal, despencou do quinto andar do apartamento em frente ao Parque da Redenção, na capital gaúcha, e se esborrachou numa marquise – não se soube se foi acidente ou suicídio.

Álcool, maconha e cocaína arruinaram a saúde de Marcão. A artrose e a psoríase nas mãos, doenças com que vinha convivendo há anos, agravaram-se e dificultavam-lhe a escrita. Uma infecção no pós-operatório de uma cirurgia de catarata resultou na perda total daquela vista. A visão do outro olho também

^[25] Sirkis, Alfredo. Op.cit.

estava ruim, mas ele relutava em operar, com medo de repetir o insucesso da primeira cirurgia. Para ler, precisava do auxílio de uma lupa.

A esses infortúnios veio se somar a demissão do *Jornal da Tarde*, no final de 1992. Segundo o escritor e professor Adeldo Gonçalves, amigo de longa data, Marcão havia ficado dispendioso para o *JT*. “Ele era de outra época, passava dias atrás de uma matéria. Por questões econômicas e por causa de uma visão imediatista, mesquinha, a grande reportagem morria nos jornais brasileiros.” [26]

Outro amigo do peito, o ex-editor do *Jornal da Tarde* Moisés Rabinovitch, que foi correspondente internacional no Oriente Médio e com quem Marcão dividia as angústias pelas crises do povo judeu, aponta, além disso, as drogas como vilãs da demissão. “Ele misturava álcool, picos na veia, maconha e cocaína. Começou a perder os prazos de entrega das matérias e a ser visto como um fardo na redação. A ligação do estar drogado com o estado criativo matou o Marcão. Era um sujeito brilhante, não precisava disso”, lamenta Rabino aos alunos da Unisantia. [27] “Eu tinha autoridade, ele me ouvia. Dei muitas broncas nele, mas não tive poder suficiente para fazê-lo abandonar o vício.”

Rodolfo Konder, que ocupava o cargo de secretário municipal de Cultura na ocasião, estendeu o braço ao amigo, levando-o para dirigir o Departamento do Patrimônio Histórico, subordinado àquela secretaria da Prefeitura de São Paulo. Marcão esteve à frente do departamento de 1993 a 1995. Foi lá que encontrou Nina, funcionária da casa, iniciando com ela a relação redentora que teve no final da vida. Tinha chegado ao fundo do poço com a terceira mulher, uma certa Vânia, viciada em crack, que conheceu no submundo. Os rompantes tenebrosos da moça afastaram a família e muitos amigos do seu convívio.

“Laura ficou um ano brigada com o pai”, conta Vitor. Marilza e a filha tiveram de trocar várias vezes o número do telefone para não ser incomodadas. O mesmo precisou fazer Nina, a quem Vânia intimidava com ameaças tanto em casa como no trabalho. Inconformada com a separação de Marcão, Vânia um dia deu

[26] Gonçalves, Adeldo. Entrevista. “Para que nada se perca (III): Marcos Faerman”. Blog de Adeldo Gonçalves, www.blog.comunidades.net/adeldo/index. Acesso em 18/07/2005.

[27] Oliva, Alexandre Teixeira; Menezes dos Anjos, Aline. “Marcos Faerman: o último dos bitiniques”, Relatório de Pesquisa. Trabalho citado.

um escândalo de tal proporção na frente do edifício público que tiveram de interromper o expediente.

Adelto Gonçalves recorda que esteve com Marcão em 1997, na redação da revista *Educação*, e ficou triste ao vê-lo “um pouco gordo, com artrose e cego de um olho”. Deprimido, sofria com a morte da mãe e da irmã e com as dívidas pendentes da casa do Sumaré. Vitor conta que Edmilson Cardial, dono da Editora Segmento, foi quem quitou os débitos. “Edmilson era nosso companheiro no Estadão e apoiou muito o Marcão naquela fase difícil”, confirma Adelto.

No encontro em 1997, Marcão mostrou-se arrasado com outra loucura de Vânia. “Ela havia jogado água em seus livros”, conta Adelto. “A biblioteca era o que ele mais queria. Portanto, aquilo havia sido uma ofensa muito grande, a mulher havia atacado exatamente em seu ponto mais vulnerável.” [28]

Eu não cheguei a ver Marcão nesse estado. Sabia dele pelos amigos e sentia um grande desânimo. Não nos falávamos desde 1993, quando ele me anunciou seu desejo de se atirar de uma ponte sobre a Avenida Sumaré e perdi a paciência. Discutimos. Ele ficou furioso. Vi-o pela última vez um ano e meio depois, na Bienal do Livro de 1994, no pavilhão no Parque do Ibirapuera onde estava acontecendo a entrega do Prêmio Jabuti. Reconheci de longe sua figura alta e desengonçada. Estava mais gordo, parecia cansado. Os cabelos tinham ficado completamente brancos. Senti vontade de abraçá-lo. Saí do meu lugar e fui abrindo caminho na multidão, mas havia gente demais e demorei um pouco. Quando cheguei à frente do auditório, ele já tinha sumido no meio do povo.

8

Só depois da morte de Marcão pude saber que – ao menos quanto ao desejo dele de ser respeitado na academia –, suas mágoas não procediam. Em 1996, a paraibana Sandra Regina Moura defendeu dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, UFBA, sobre a narrativa de Marcos Faerman,

[28] Gonçalves, Adelto. Blog. Fonte citada.

abordando a relação entre jornalismo e literatura em duas grandes reportagens publicadas no *JT* nos anos 1970: “O caso Bensadon” e “Ah, esse Rio de Janeiro nos tempos de D. Pedro”.^[29]

“Entrevistei longamente o Faerman para o meu trabalho”, conta Sandra. “Conversamos durante uma semana inteira, em São Paulo, no final de 1994.” Os encontros foram no Departamento do Patrimônio Histórico. Sandra recorda que Julio, o filho adolescente, estava presente e que Marcão usava uma grande lupa para localizar textos nos dois volumes encadernados que trouxera de casa, com cópias de suas reportagens preferidas no *JT*. “Foi ele quem sugeriu as matérias para análise. Depois da defesa, mandei um exemplar da dissertação para ele. Aí vieram os desencontros, ele saiu da direção do Patrimônio Histórico e perdi o contato. Mas o Igor Fuser me disse que ele leu e gostou do trabalho.”

Mais tarde, em setembro de 2002, quem fez parte da banca de doutorado de Sandra Regina Moura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), onde defendeu tese sobre o trabalho de Caco Barcellos, foi a professora Terezinha Tagé, do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ela também uma admiradora de Marcos Faerman. Terezinha brinca que Marcão foi o real “orientador” dela no doutorado, pois lhe forneceu um rico e farto material sobre seu objeto de estudo, a obra jornalística do teatrólogo Jorge Andrade.^[30]

“A prática de Marcos era fruto das leituras que ele incorporou”, acredita Terezinha Tagé. “Antes do Novo Jornalismo, a idéia corrente era a de que quem tivesse talento faria literatura, quem não tivesse faria jornalismo.” Terezinha ressalta a importância da presença de Marcão na banca que aprovou a tese de doutorado de seu colega Edvaldo Pereira Lima, *Páginas Ampliadas: o livro-*

^[29] Moura, Sandra Regina. *Narrativa jornalística: uma leitura das reportagens de Marcos Faerman no Jornal da Tarde*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1995.

^[30] Fernandes, Terezinha Fátima Tagé Dias. *Jorge Andrade, repórter Asmodeu: leitura da obra jornalística do autor para a revista Realidade de 1969 a 1972*. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Editoração apresentada à Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989. Orientadora: Profa. Dra. Dulcília Helena S. Buitoni.

reportagem como extensão do jornalismo e da literatura^[30], em 1990, na USP. “Marcos ficou feliz por Edvaldo ter trazido para a universidade a História da Reportagem, algo que ele queria fazer”, ela conta.

O professor Edvaldo Pereira Lima explica que foi possível indicar Marcão como examinador – um autodidata sem diploma universitário – porque, quando se trata de doutorado, permite-se que um dos cinco membros da banca seja pessoa de “Notório Saber”, desde que aprovada pelo orientador. Edvaldo sabia que seu orientador, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, gostava do trabalho de Marcos Faerman.

Edvaldo também era velho admirador dos textos de Marcão. Conheceu-o primeiro como leitor quando, em 1971, com 20 anos de idade, fazia bicos no jornalismo para custear a faculdade de turismo. “Lia muito o *Jornal da Tarde*, era meu favorito. E acompanhava também a produção da imprensa nanica.”

Em 1976, na função de assessor de imprensa de uma universidade, Edvaldo organizou o 1º. Campeonato de Pipa de São Paulo no autódromo de Interlagos. E o *JT* destacou Marcão para fazer a matéria. Então pôde observar, em campo, como o repórter trabalhava. “Marcos era um homem grande. Eu o vi sentado no gramado, curvado, consolando com delicadeza uma criança que chorava. O menino havia perdido a pipa por deslealdade de um concorrente, que cortara seu barbante com cerol. Da conversa de Marcão com esse garoto surgiu a matéria de capa do *Jornal da Tarde* no dia seguinte”, lembra..

Para Edvaldo, ter Marcos Faerman em sua banca de doutorado foi uma forma de homenagear aqueles que mantiveram vivo o espírito do Jornalismo Literário, na prática, dentro nas redações. “Uma homenagem da academia não só a ele, mas a toda uma estirpe de grandes repórteres”, diz.

Também em 2002, o jornalista Luís Carlos Eblak de Araújo, que havia escolhido *Versus* como objeto de pesquisa, defendeu a dissertação de mestrado em História Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP,

^[30] Lima, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2004.

sob orientação da professora Maria Aparecida Aquino, com o título *O Versus e a imprensa alternativa: em busca da identidade latino-americana (1975-1979)*.

9

O clima era de turbulência na Faculdade Cásper Líbero em meados de 1996. Alunos sem aula há semanas discutiam nos corredores, enfrentavam diretores no grito, faziam manifestações na Paulista. A turma rebelde custou a reparar na figura exótica que esperava para iniciar a aula. O novo professor era um velho de cabelos brancos e encaracolados, a barba por fazer, óculos tortos, roupa desleixada, uma pilha de papéis na mão e uma bolsa a tiracolo encardida e pesada, da qual – souberam depois – nunca se separava. Estava cheia de livros. Ele a jogou na mesa e, do alto de seus 1,90 metro de estatura, anunciou:

“Com essa gritaria vocês pensam que vão fazer a revolução? *Eu sou a revolução!*” E, diante do espanto da classe, completou: “Minha aula só assiste quem quiser. Quem não estiver a fim, foda-se, pode sair que eu dou presença e passo de ano. Aqui só ficam os futuros jornalistas!”.

Como outras histórias na vida do Marcão, é provável que sua estréia como professor tenha outras versões – que, de tanto ser repetidas, adquirem vida própria e *status* de definitivas. Como sua distração ontológica, por exemplo (entortou os óculos de Rivaldo Chinem num abraço) ou o caso do livro que teria devolvido ao dono com uma fatia de mortadela marcando as páginas. (Alguns dizem que a vítima foi Rabinovitch e que o embutido não era mortadela e sim salaminho. Já Veríssimo acha que Marco Aurélio Garcia, colega de *Zero Hora*, é quem teria inventado a história, ao ver o Marcão atrapalhado tendo de abrir uma porta e sem saber o que fazer com um livro e um sanduíche). Mas neste caso posso jurar que nenhuma versão passa longe da que é contada por alunos e professores da Cásper em artigos de jornais, revistas, sites na internet e na comunidade criada por fãs do “Mestre Faerman” no Orkut.

Posso jurar porque esse é o Marcão que eu conheci.

Posso reconhecê-lo na reunião de pauta narrada por Juliana Monachesi Ribeiro, saltando de uma idéia a outra com rapidez difícil de acompanhar, emendando o assunto ao de um livro de Camus, um conto do Borges, uma matéria da *Realidade*, um evento da história da Birmânia ou à Teoria do Caos. “Queria que seus repórteres enxergassem mais longe e fossem mais ousados do que a faculdade e a vida exigiam”, diz a aluna.^[31]

Ou no fechamento do *Esquinas de S. P.*, jornal-laboratório que ele revolucionou, tanto editorialmente, publicando poesias, quadrinhos e matérias apuradas em profundidade, como ignorando prazos da gráfica até a edição atingir a perfeição buscada. Gustavo Vieira fala da caótica redação chefiada pelo mestre. “Originais manchados de gordura entre pizzas noturnas, fotos espalhadas pelas mesas das salas de aula, momentos mágicos. Criação era sua disciplina como professor voluntariamente indisciplinado. Paixão era seu saber, de que precisávamos para fugir do trágico destino de assessorias de imprensa.”

Juliana Monachesi traz de volta uma noite em que editaram o *Esquinas* até tarde. “Já era madrugada e queríamos terminar tudo. Pois, quase de manhã, o Faerman não resolveu deitar no chão e dormir em vez de ir para casa? ‘Não vou abandonar minha equipe! Vou fazer como certos repórteres de antigamente que dormiam na redação, sentindo o trepidar das prensas’”, conta ela.

O Marcão atrapalhado, desligado, hiperativo. Comprando pilhas de jornais e revistas. Ensinando Fabio Diaz Camarneiro (como, vinte anos antes, havia ensinado a mim) a não usar gravador em entrevistas. “Escreva o que a pessoa disser... Se precisar, peça para ela repetir certos trechos... Não tenha vergonha de pedir para ela soletrar nomes ou títulos de obras...”

Sou capaz de vê-lo atravessar a Paulista entre os carros, sacudindo os ombros: “Eles que parem!!!”. E escapando de ser atropelado por um ônibus, não fosse o puxão com que o aluno João Cassino o reconduziu à calçada. “O buzu passou arregaçando, e o Marcão disse: ‘O filho da puta não parou!’”.

^[31] Revista Aleph. www.revistaaleph.com.br/old “Homenagem a nosso mestre Marcos Faerman”. Arquivo. Fevereiro 1999. Camarneiro, Fabio Diaz. “Abelhas, paixão e jornalismo”; Ribeiro, Juliana Monachesi. “Que tempos idiotas!; Barenbein, Daniel Benjamin. “Trinta Minutos com Faerman”.

E posso enxergá-lo nos corredores com seus passos pesados, “elegantes como os de um guerreiro”, como diz o diretor de jornalismo da Cásper na época, Marco Antonio Araújo, seguido pelos devotos, esparramando papezinhos pelo chão. “A voz forte tonitruava citações eruditas, lembranças incríveis, histórias inventadas, projetos insanos, ternuras despejadas”, recorda ele. “Tinha defeitos maravilhosos, como não preencher diários de classe, dar notas ou organizar agendas. O cabelo despenteado, o sorriso e o abraço largos e grandalhões. Ele dava beijos em ponta de faca. E murros em máquina de escrever. Viveu como poucos suportariam – e morreu, o que parecia impossível.”

Às vezes ainda acho difícil conceber o mundo sem o Marcão.

Mas é reconfortante saber que, no fim da vida, ele renasceu das cinzas e reencontrou seu brilho fazendo algo que tanto sabia: ensinar. “O contato com os estudantes rejuvenesceu seus ideais de lutar por uma causa justa, de deixar sua marca em uma nova geração, de editar um jornal-laboratório inovador. ‘Quero fazer um puta jornal, essa garotada vai aprender como ser um repórter de verdade!’ Tinha orgulho de enumerar uma dezena de alunos que já estavam trabalhando na profissão”, lembra João Marcos Rainho.^[32]

Recuperou o senso de humor. Ao mencionar fatos de sua vida, exagerava na dose e contribuía para perpetuar mitologias que alimentavam certo folclore em torno dele. A operação de catarata mal-sucedida, que resultou na perda de um olho, transformou-o no “bardo caolho”, que os alunos julgavam vitimado pela tortura no regime militar. Também teriam sido atingidas “aquelas mãos sofridas” de que fala Luciana Oncken, perguntando-se: “E as mãos castigadas, calos em todos os dedos... Seriam de tanto bater a máquina? Seriam marcas de tortura?”.

Gustavo Vieira responde no Orkut: “Os dedos tortos traziam sua história. ‘Este foi quebrado pelos militares, nos porões da tortura, quando eu militava no POC – Partido Operário Comunista. POC era o som dos martelos dos proletários nas fábricas’, contava entre gargalhadas”. Vitor Vieira garante que, embora

^[32] Rainho, João Marcos. “Marcos Faerman, Repórter”. Anuário da Faculdade Cásper Líbero. www.facasper.com.br/jo/anuario/1999

Marcão tenha sido detido durante dois meses, entre 1971-72, em razão dos vínculos com o POC, não deixou a prisão com ferimentos nem seqüelas.

Divertia-se com suas próprias histórias. Periodicamente, conta Fabio Diaz Camarneiro, brindava os alunos com uma pergunta feita em tom dionisíaco: “Alguém sabe o que é encher a cara de uísque e deitar nu no chão da cozinha, lendo Ernest Hemingway?”.^[33] Segundo Fabio, o final comportava variações: “lendo Jorge Mautner”, “lendo Rimbaud em voz alta” etc.

Cobrava leitura dos alunos. Ensinava-os a criticar a tendência das notas curtas, publicadas sob a desculpa de que o leitor não tem tempo para ler. “O que o Faerman não atinava era com a idéia de que alguém não tivesse tempo para ler. Para ele, era como dizer que fulano não tem tempo para respirar, ou que outro não come há seis meses porque não deu tempo”, diz Fabio Camarneiro.

E foram esses estudantes que formaram a maior parte do cortejo que, na manhã de 13 de fevereiro de 1999, foi velar o Mestre Faerman na sede do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. Era Carnaval, havia muita gente viajando. O jornalista Audálio Dantas e o poeta Cláudio Willer fizeram discursos emocionados. A certa altura, alguém lembrou de colocar sobre o corpo uma camisa do Grêmio.

Na noite anterior, a notícia havia atropelado Vitor Vieira na chegada ao litoral gaúcho, com as filhas e a neta, onde iam passar os feriados. Voltou a Porto Alegre para buscar Mauro – agora o único irmão sobrevivente. Não havia mais vôos disponíveis. Os dois viajaram para São Paulo de carro, na contramão do trânsito, durante 18 horas seguidas. Chegaram quando o caixão já estava baixando no crematório de Vila Alpina, para dar-lhe o último adeus.

Marcão havia pedido para ser cremado. Os judeus não enterram mortos aos sábados nem permitem a cremação. Mas o amigo e rabino Henri Sobel compareceu ao velório no Sindicato dos Jornalistas. “Estou aqui não porque morreu um judeu, mas porque morreu um homem”, disse no discurso fúnebre. Também conforme o desejo de Marcão, as cinzas foram divididas ao meio e jogadas nos dois rios de sua vida: o Tietê, em São Paulo, e o Guaíba, em Porto

^[33] Revista Aleph. Arquivo citado.

Alegre. “Enterrem meu coração na curva do rio”, ele costumava dizer, brincando. Nina se emociona quando lembra a cena. “Eram as cinzas de um vulcão...”

Jornalistas Literários -- Narrativas da vida real por novos autores brasileiros/
Sérgio Vilas Boas (org.) – São Paulo: Summus Editorial, 2007, págs. 17 a 43